

JULHO
AGOSTO
DE 1967

PUBLICAÇÃO MENSAL

Estudos

Série M

N.º 15

Esta série, (que é distribuída gratuitamente aos Médicos), tem tido grande aceitação. Pedimos aos Ex.^{mos} Médicos que a queiram receber, regularmente, o favor de nos fazerem a respectiva comunicação.

Psicologia e educação

**AS TRANSFORMAÇÕES BIOLÓGICAS E PSICOLÓGICAS
QUE PREPARARAM O «MUNDO SOCIALISTA»
O caso da Rússia**

**A SUGESTÃO INDIVIDUAL E COLECTIVA — X
A «Sugestão» em África e «O Caso Português»**

**O PAPEL DA RELIGIÃO E DA POLÍTICA NA FORMAÇÃO
DA PERSONALIDADE — X
O mundo muçulmano perante o materialismo
europeu**

**TRATAMENTO DA HIPERTROFIA DA PRÓSTATA
Defesa contra o cancro**

**SOCIOLOGIA E PSICOSOMÁTICA
A criação da auto-psico-análise**

HEPATITES E ICTERÍCIAS INFECCIOSAS

PUBLICAÇÃO MENSAL

Director e Proprietário — Dr. HUMBERTO DE MENEZES

Editor — ANTONIO J. LEITE SARAMAGO

Redacção e Administração — RUA CUSTÓDIO VIEIRA, 1 ou Apartado 2219 — LISBOA

Composição e Impressão — Soc. Ind. Gráfica — Rua de Campolide, 133-B-C — LISBOA

Sala
Est.
Tab.
N.º

Quais são as acções protectoras da defesa do fígado, exercidas pelos lipotrópicos?

- 1.º — No trabalho permanente de renovação das células hepáticas, exerce um estímulo para a formação das novas células.
- 2.º — Uma acção contrária à degenerescência das células do fígado.

Em que consiste a associação de lipotrópicos a outros elementos, constituída pela Colimetina?

- 3.º — Regeneração do fígado, de forma a que, num período demorado, as células doentes ou degeneradas, vão sendo substituídas por células novas.

A Colimetina é um preparado em cuja composição entram:

- a) Lipotrópicos (Citrato de colina, metionina, inositol).
- b) Complexo B.

Por isso está indicada em todas as hepatopatias (cirroses, intoxicações) diabetes e arterioesclerose.

A posologia média é de 6 a 10 cápsulas por dia.

JULHO
AGOSTO
DE 1967

PUBLICAÇÃO MENSAL

Estudos

Série M

N.º 15

Director e Proprietário — Dr. HUMBERTO DE MENEZES

Editor — ANTÓNIO J. LEITE SARAMAGO

Redacção e Administração — RUA CUSTÓDIO VIEIRA, 1 ou Apartado 2219 — LISBOA

Composição e Impressão — Soc. Ind. Gráfica — Rua de Campolide, 133-B-C — LISBOA

Psicologia e educação

AS TRANSFORMAÇÕES BIOLÓGICAS E PSICOLÓGICAS QUE PREPARARAM O « MUNDO SOCIALISTA »

I

O caso da Rússia

Temos estudado, em uma série de artigos, a influência que a religião e a política têm na formação da personalidade dos indivíduos e dos povos. Estudámos assim a evolução dos cristãos, dos muçulmanos, dos judeus, etc. e vimos como as suas religiões influíram a formação do carácter desses povos. Vamos agora estudar, quais as origens, sob o ponto de vista biológico e sociológico, da formação do mundo sociológico moderno, que é representado, na sua grande força e número, pela Rússia (1).

Para fazer este estudo, o Professor Dingemans percorreu a maior parte da União Soviética, em autocarro e caminho de ferro, tanto a parte soviética como todas as outras democracias populares do Oriente, desde a Europa Central até aos Balkans, estudando particularmente a situação das minorias culturais ou dos meios de raças cruzadas, especialmente no Oriente.

Neste estudo sobre os mecanismos psico-sociais, ligados ao colectivismo e à personalidade, o Dr. Dingemans estudou e comparou a evolução dos fenómenos nas diferentes épocas históricas e, por outro lado, a aplicação destes factores, segundo os temperamentos individuais

(1) Este artigo é baseado nos estudos, muito aprofundados, feitos pelo Professor Dr. Guy Dingemans, de Lausanne. Talvez alguns dos seus capítulos pareçam muito detalhados, mas só assim se poderá compreender o problema, na sua extensão e complexidade.



e os meios que envolvem os grupos sociais, tão variados, que compõem o complexo russo.

Como a política é uma das componentes essenciais do condicionamento da «mentalidade», no seio dos grupos, estudou objectivamente tanto os elementos funcionais como os factores caracteriológicos e psicodinâmicos.

Sejam quais forem as suas tendências éticas ou políticas, o leitor encontrará uma documentação susceptível de compreender melhor a psicologia dos povos colectivizados e, a seguir, aprofundar os seus próprios estudos e experiências, tanto no domínio social, como no individual.

O Dr. Dingemans estudou os quadros antropológicos que deram nascimento aos fundamentos psicológicos da sociabilidade e, por fim, os *reveladores sociodinâmicos da psicologia política*.

O universo soviético

A Rússia é uma nação de cerca de 22 400 000 quilómetros quadrados, uma superfície mais de 200 vezes maior do que Portugal e que se estende sobre um sexto das terras do mundo, um território do qual um terço é coberto por florestas e de que a quarta parte se presta para a agricultura e que possui os jazigos de minérios úteis mais ricos do mundo, com uma rede magnífica de rios e ribeiros e de costas marítimas.

Tendo em conta os territórios com valor económico, a União Soviética, com os seus 225 milhões de habitantes, está longe de ser superpovoada, mesmo na parte europeia, que é ocupada por 170 milhões de pessoas; além disso, o seu crescimento demográfico é médio (URSS = 1,8 — Estados Unidos da América = 1,7 e França = 1).

Se esta gigantesca nação está «prisioneira nas suas terras», não existe, na realidade, nenhuma divisão material entre as duas partes, europeia e asiática, em que pôde estabelecer uma certa facilidade de comunicações. Desta forma e em comparação com o mundo muçulmano vizinho, o país corresponde perfeitamente à noção de «mundo euroasiático».

Uma parte da sua população é resultante de uma mestiçagem, pouco aparente entre os povos que vieram do Oriente, pelas estepes e os povos de origem europeia primitiva; este povo tinha o benefício, durante o Verão, de facilidades de navegação sobre os grandes rios que, atravessam as planícies, desde o Báltico ao Mar Negro e, durante os longos invernos nas superfícies geladas, circulava em todos os sentidos em trenós sobre a neve. Apesar dos contrastes climáticos, estas condições geográficas, favoreciam uma grande intercomunicação entre grupos étnicos, que era geradora de misturas de culturas diversas.

A civilização é sempre o fruto de uma mestiçagem, que favorece a confrontação de ideias e de técnicas. A «estrada da seda» ligava os altos

planaltos da Ásia Central e assegurava, aos comerciantes e aos nómadas muçulmanos, o contacto entre a China e o Mar Mediterrâneo.

Começou assim a interpenetração de todo o mundo eslavo, com a cultura e o comércio ocidental, que se tornou mais fácil a partir da Idade Média graças, particularmente, às federações das cidades europeias. A Rússia estava então particularmente bem situada para realizar uma ligação entre o Oriente e o Ocidente.

No entanto, o estudo antropológico e demográfico de este conjunto nórdico fez com que as suas diferentes componentes raciais, se dividissem em proporções muito desiguais.

Origens antropológicas dos eslavos em relação aos «grupos sanguíneos»

Até ao «Paleolítico Superior» (cerca de 15.000 a 10.000 anos antes de Cristo) as populações europeias e mongólicas, evoluíram separadamente, em virtude das más condições climáticas e geográficas, que formavam uma barreira às migrações susceptíveis de se fixarem na região aralocaspia.

Pelo contrário, durante o segundo período glacial, o clima frio, mas seco, bem como a abundância da fauna polar ou pré-polar, tornou fácil o movimento dos caçadores sobre todas as margens das geleiras que, depois das margens atlânticas da Escócia, até aos Úraes, à Sibéria e ao Estreito de Behring, atingiram a América do Norte, unindo assim o antigo e o novo mundo, como se constituísse uma espécie de continente circumpolar.

Sabemos que os Esquimós tinham uma origem europeia e que tiveram um papel na complexidade racial na Europa futura. Foi ainda mais importante o papel da raça dos *Cro-Manhons*, raça branca atlética, muito inteligente, que dominou nas florestas do norte da Eurásia e penetrou depois na América do Norte, onde forma hoje o tipo dos «Amerídeos cro-manhoides».

É incontestável que a Rússia e a Europa Central ofereciam um *habitat* particularmente favorável à expansão destes caçadores, bem armados, espiritualistas e certamente muito organizados em grupos colectivizados disciplinados. Constituíram uma componente morfológica evidente, entre os novos tipos humanos, criados pela mestiçagem com os futuros invasores do Oriente ou da Ásia-Menor, assegurando-lhes uma origem proto-nórdica de base.

Na grande complexidade étnica que representam os povos nos tempos modernos, a distribuição dos «grupos sanguíneos» permite distinguir as particularidades entre a Europa Ocidental e as diversas regiões da União Soviética.

Desde que as vias de acesso para o Ocidente, se abriram a partir dos altos planaltos pre-himalaianos, a explosão demográfica da origem

«proto-semita-ariana», muito rica em sangue do «Grupo B», espalhou-se em todas as direcções, tomando tanto a via da Ásia Menor, como a das margens dos rios russos. Mas estas vagas de Brancos centro-asiáticos encontravam uma resistência, progressivamente maior, à medida que se infiltravam em direcção ao Atlântico, como o prova a fraca percentagem do «sangue B», espalhada nas regiões mais ocidentais, que é de 5 % (os Bascos estão hoje indemnes do grupo B) em relação ao da Rússia, que é superior a 20 % (à custa do «sangue A1» (proto-Europeu).

Estes nómadas indo-arianos (com a sua linguagem característica) formam uma componente essencial, muito mais importante nos russos do que nos outros povos europeus. Sabemos que o tipo do nórdico oriental primitivo, isto é, do *eslavo* propriamente dito, é o resultado de uma mestiçagem entre os indígenas *Cro-manhons* e os novos povos migratórios do «sangue B», mistura que, apresentando certas incompatibilidades de «genes polimericos», foi responsável de um processo de despigmentação.

Na Europa Ocidental, a mestiçagem destes paleonórdicos (que se tornaram tão célebres em Espanha e em França pelas suas pinturas rupestres) estabeleceu-se mais com uma fonte hamítica (rica em sangue do grupo A2 e em *resus* negativo), a qual parece ter tido um papel mais tardio em torno do Mar Negro, seguindo até à Ucrânia (*tipos armenóides, dináricos*).

Os braquicéfalos alpinos, que desde a idade do ferro se especializaram no cobre, primeiro na Ásia-Menor (Scytas, etc.) e depois nos focos célticos alpino-renanos (cerca de 250 anos antes de Cristo) deram caracteres morfológicos próprios a certas camadas da população, tais como os artífices, pequenos comerciantes, agricultores dos vales, particularmente reconhecíveis nos Carpatos e regiões limítrofes e no Cáucaso.

A componente semítica só teve na Rússia um papel mais discreto, mas notável, graças ao vai-vém dos nómadas do Irão até à Ásia Central e, por outro lado, ao desenvolvimento do comércio dos judeus, já muito desenvolvido e poderoso na Europa Central, desde a Idade-Média.

Diferenciação mongoloide e russificação

As imensas estepes russas eram favoráveis para as grandes invasões asiáticas; desde os Úraes, os povos mais ou menos mongolizados, Fineses, Sarmatas, Húngaros, Avars, domínio dos Turcos-Tártaros e outras penetrações belicosas da Idade-Média, até aos Kalmuks em 1630. As invasões épicas de Gengis Khan e Tamerlan, ainda que de origem mongol, traziam consigo mercenários e vagabundos de todas as raças. Muitas vezes impeliam, diante de si (como os Hunos e os Avaros) populações nórdicas que lhes serviam de tampão para sofrerem os primeiros embates com os povos invadidos, mais civilizados.

A tendência para o aumento do sangue M na Rússia (60 % de M para 40 % de N, em face da Europa Ocidental, que estava equilibrada

a 50 %) é uma prova a favor de uma componente proto-mongol notável. Mas esta foi de origem pre-histórica siberiana, antes de ser chinesa.

Pode dizer-se que as pequenas diferenças morfológicas que diferenciavam o complexo eslavo, mais essencialmente russo em relação aos eslavos ocidentais (Jugoslávia, Checoslováquia e Polónia), são devidas a que os primeiros assimilavam uma componente finaza notável, ao passo que os segundos, mais ou menos hamíticos, têm igualmente um tipo mais teutónico: — nórdico cromainhoide atlético da Polónia e mais alpino e pedomórfico para o sul. — Finalmente, a região do Cáucaso apresenta um verdadeiro museu etnográfico vivo, que compreende as minorias étnicas muito antigas, entre as quais, os Geórgios, aparentados com os Bascos e talvez com os Etruscos. Os verdadeiros Mongóis e Siberianos são apenas alguns milhões; uma maioria de lapões passou para a Finlândia.

Em 1850, a Rússia só tinha 57 milhões de habitantes, em 1900, mais de 103 milhões e na altura da segunda guerra mundial já tinha 170 milhões, número que atingiu em 1962, 225 milhões.

Nesta quadruplicação dos habitantes da União Soviética, o crescimento tem sido feito quase exclusivamente em favor do *tipo eslavo nórdico*. Isto faz dar à U. R. S. S. moderna, fora dos grupos étnicos marginais (um elemento dinárico e uma fraca diluição mongol) um domínio muito fortemente e tipicamente europeu.

Na Sibéria, a colonização feita com antigos Cossacos, aldeões da Terra Negra e deportados de todas as origens, formou um novo tipo humano, morfológicamente e psicológicamente diferenciado dos seus antepassados respectivos, por um processo muito comparável ao dos Anglo-Australianos ou mesmo dos Americanos do Far-West. Os Neo-Siberianos atingirão talvez uma centena de milhões de indivíduos, cerca do ano 2000.

Este estudo é talvez demasiadamente detalhado, mas só assim é que se poderá compreender, depois dos estudos que vão seguir, o mundo socialista biológico e psicológico da Rússia actual e as suas reacções, perante o Ocidente e o Oriente.

No próximo número, continuaremos este estudo, principiando por descrever os «meios de russificação da Eurásia» e o «estudo psicológico dos povos Eslavos».

CURIOSIDADES

● Irá faltar o oxigénio?

A civilização industrial dissipa-o. O que as fábricas, os automóveis, os aviões, etc., queimam em cada dia seria suficiente para fazer viver 40 biliões de seres humanos. Um automóvel ao percorrer 1000 quilómetros consome tanto oxigénio como um homem durante um ano.

A SUGESTÃO INDIVIDUAL E COLECTIVA

X

A «sugestão» em África e o «Caso Português»

Na história do mundo, só de muitos em muitos anos um país chega ao apogeu de construir um «Império». Assim sucedeu com o Império Romano, que marcou uma era, na política e na civilização e, mais tarde o Império Bisantino. Seguiu-se um país que, por modéstia, se não intitulava de Império, mas que, de facto, foi um grande império, Portugal, que descobriu e ocupou a África, uma parte da América, e da Oceania e grande parte da Ásia, nos séculos XIV a XVI; no final do séc. XVII, com Filipe II, a Espanha formou quase um império, no qual durante 60 anos, incluiu Portugal e Colónias, com excepção de Macau, cuja câmara municipal (Senado) nunca aceitou o município espanhol; foi o único território português no mundo, durante 60 anos, e por isso o rei de Portugal deu ao Senado o direito de se intitular «Leal Senado» pela sua lealdade a Portugal, direito que a República conservou e, ainda hoje usa o mesmo título. Depois veio o Império Russo e o Império Britânico que foi, até hoje, o império de maior extensão e maior força no mundo.

O Império Britânico, no tempo da Rainha Victória, foi o mais forte e o mais respeitado; bastava ofender um inglês em qualquer ponto do mundo para a Inglaterra pedir satisfações e indemnizações, pedido fortalecido pelos deslocamentos oportunos da sua esquadra. E é assombroso como temos assistido ao desenvolvimento e dispersão da força de um tão grande império do nosso tempo!... E o que é curioso é que o seu desmembramento não começou por um ataque dos seus inimigos, o que seria lógico, mas sim por um acto de auto-suicídio!

Em um momento, apareceu na cena inglesa, um partido, cheio de generosidade e socialismo — o Partido Trabalhista — que resolveu despojar-se de tudo quanto tinha para o oferecer aos outros — e tem-no conseguido, dando a liberdade a todas as colónias, nas cinco partes do mundo, mas levando mais longe o seu *apostolado* até desejar que os outros façam o mesmo, com uma leviandade notória, sem raciocinar se essa liberdade seria um benefício ou um malefício, se contribuiria para as felicidades ou para as infelicidades dos *libertados*. Mas o pior é que, para ver se os outros o acompanhavam, inventou OS VENTOS DA HISTÓRIA..., «slogan» que teve um certo sucesso pois que, seguindo-lhe o exemplo, a França e a Itália não só se convenceram, como apresentaram

também a sua demissão de colonizadores, dando uma pseudo-liberdade aos colonizados, que passaram todos a *independentes, revolucionários, sem administração, sem moralidade*, só podendo viver à custa dos antigos senhores, que passaram a ser, não tutores, o que seria explicável, mas fornecedores de dinheiro e armas para a revolução universal, de que já estão a ser vítimas, pela desorganização que provocaram.

E Portugal? — Então, não tem este país, pequeno, a ousadia de se levantar contra os «ventos da história» e se opor, nos seus territórios àquilo que os grandes decretaram? — É verdade! — Por isso, muitos votam contra ele, porque a atitude desse pequeno país não só é uma ofensa para os grandes, como ainda representa aos olhos de muitos, uma vergonha para os *empurrados pelos ventos da história...* e, mais ainda, é um elemento incómodo, pois que a sua atitude é utilizada para combater pelos «partidos de oposição». — Por isso, a única solução é opor-se a Portugal ou, pelo menos, abster-se nas votações da ONU e, sempre que seja possível, dar armas e dinheiro aos adversários de Portugal, para que esta «situação de escândalo», acabe!

Mas a Inglaterra, que se pôs ao lado dos seus antigos colonos negros, calculou tomar esta atitude para conseguir a sua gratidão e desenvolver o seu comércio nas antigas colónias, sem encargos de ocupação e sem problemas. Pensaram como ingleses, mas não estudaram a psicologia das pessoas a quem davam a independência. Para estes, o dar a independência, é considerado como um sinal de fraqueza e nunca os povos primitivos tiveram consideração pelos fracos...; o resultado foi perderem a consideração que tinham pela Inglaterra e, muito mais, passaram a ameaçá-la, se ela não fizesse isto... ou aquilo... até a Tanzania a ameaçá-la de que pedirá a sua expulsão da Comunidade Britânica! — Quem conhece como nós a psicologia dos africanos e dos asiáticos, sabe bem o que esta atitude significa de perda de prestígio!...

Mas, o que é fora de toda a lógica é o facto de a Inglaterra (dizemos com verdade que não é a Inglaterra, mas sim o «Partido Trabalhista»...; mas para o Mundo é a Inglaterra...) se pôs ao lado dos pretos, contra os brancos, mesmo os brancos ingleses, passando a praticar a «*discriminação contra os brancos*»; por esta razão, muitos brancos ingleses que estão em África, todos aqueles com quem falámos, estão indignados contra o partido trabalhista, que tem assim fomentado a indignação contra a sua Pátria. Muitos deles, que tinham o orgulho da sua Rainha, vêem-se obrigados a separar-se dela. Revoltam-se, dizem que não percebem a attitude da Inglaterra trabalhar contra os ingleses em toda a África e, por isso estão-se retirando com os seus valores para a África do Sul ou para a Rodésia, que passam a ser as suas novas «Pátrias».

Eles não entendem esta atitude dos ingleses e nós também não compreendemos esta posição, nem contra os que ali nasceram e que queriam continuar a ser ingleses, nem contra os seus mais antigos aliados... Os

resultados já foram visíveis nas últimas eleições administrativas que evidenciaram a derrota do partido trabalhista...

E aqui está como sòmente a África do Sul, a Rodésia e Portugal estão a trabalhar pelo futuro dos europeus e da raça branca em África... e, o que parece impossível é que são combatidos pelos europeus e por muitos brancos!

Ora a política portuguesa não é feita ao acaso, é feita segundo uma atitude e marcada por um rumo, que até agora tem sido inalterável e ainda servida por uma fé e um patriotismo que os outros não podem deixar de admirar, porque, apesar dos «ventos da história» e das atitudes contrárias, Portugal tem *vencido* firmemente e contribuído para enfraquecer a atitude de discriminação contra os brancos, que os negros, auxiliados por alguns brancos, querem praticar, apesar de não concordar com a atitude de discriminação anti-negra que outros praticam e de ter instalado uma política de pluralidade e igualdade de raças e de religiões que nunca ninguém compreendeu nem praticou e que nunca tiveram a inteligência, nem a sensibilidade, nem a força para a praticar!

Num próximo número desenvolveremos as razões do nosso procedimento e tiraremos as conclusões sobre a aplicação das nossas doutrinas e as doutrinas dos nossos adversários.

O artigo deste número pode parecer um artigo de ordem política, pelos problemas políticos que arrastou. Mas não o é; representa sòmente um estudo psicológico sobre o problema da «Sugestão», e das suas práticas, com a crítica baseada nos resultados obtidos até agora; esperamos, baseados nos nossos estudos, que dentro de um prazo de tempo não muito longo, os «ventos da história» mudem em direcção contrária e, então, só teremos a lamentar as vidas e bens que se perderam com esta desgraçada atitude em que nem sequer os princípios de carácter e da moralidade, se salvaram... e se diminuiu o prestígio da raça branca no mundo.

CURIOSIDADES

● **Influência da visita de De Gaulle, na psicologia dos russos:** — O que esta visita tem é um carácter embaraçoso que não é vulgar. Como encaram os comunistas de todo o mundo a ida do general burguês ao centro soviético? A orelha murcha dos comunistas polacos, italianos e, inclusivamente, franceses, significa que a glória de De Gaulle, fabricada na Rússia, tem um ar de contrafacção. Um sorriso amarelo envolve milhões de homens. Há um discurso de Napoleão, quando promete ao mundo a felicidade para todos, e em que chama a si próprio o «mensageiro da paz», que não destoaria do discurso do Praesidium.

Aquele operário que nas minas de Novosibirsk avançou, estendeu a mão, depois de a cruzar no peito à moda da Ucrânia, e disse: «Venha ver, amigo, o que é trabalhar. Aqui não há perfumes de Paris, tudo cheira a suor» — é o mundo oposto à teoria cooperativa degaulliana.

PROBLEMAS DE FILOSOFIA

O papel da religião e da política
na formação da «personalidade»

X

Como vimos nos artigos anteriores, na «personalidade» criada e transformada durante séculos, a religião tem uma parte importante. Para desenvolver este estudo, vamos neste artigo comparar os princípios em que a religião católica e a religião muçulmana influíram para completar as personalidades actuais dos cristãos e dos muçulmanos, para o que contribuirá o estudo comparativo das diversas psicologias.

O Corão oferece aos pobres, aos deserdados, que não podem gozar os prazeres dos encantos femininos, senão muito limitados, com a sua companheira, também pobre e com poucos encantos, uma grande compensação em um paraíso maravilhoso, um Eden de frescura, com uma frescura, com uma flora exuberante onde os felizes reincarnados terão em um futuro sem fim, à sua disposição, lindas virgens, de virgindade sempre renovada...

Mahomé pensou que a evidência de um paraíso sem mulheres não poderia despertar os apetites dos homens rudes e ardentes, a quem era necessário atrair, criando-lhes uma consciência de uma vida inteiramente contrária à que levavam, em territórios hostis, ingratos e monótonos, sempre juntos a terras de areias, com um trabalho esgotante, entrecortado de lutas e morticínios; a compensação de uma huri, radiante de beleza, para toda a eternidade, em troca de um mínimo de regras simples de religião e de bondade, este paraíso muçulmano podia realmente tentar o mais bruto dos homens primitivos, que não tinham Deus nem Diabo (1).

A contrapor a estas tentações de orgias sobrenaturais, o paraíso dos Cristãos é apresentado como uma reencarnação votada à contemplação da perfeição, um Eden semelhante a um mosteiro imenso em que a multidão dos bem-aventurados, sem sexo e sem paixões, seria a eternidade, para admirar e gozar da obra divina e louvar o seu Senhor, no meio dos seus anjos e dos seus santos. Esta perspectiva é pouco atraente para nómadas, para quem este paraíso não compensaria as restrições de terem uma só mulher.

O sistema bíblico corresponde ao dos sábios fleumáticos, escrupulosamente ligados às obrigações das velhas tradições, ao orgulho dos seus

(1) Estudo de G. Dingemans, publicado na revista «Medicine et Hygiene» de Lausanne, de 27 de Abril de 1966.

antepassados, à rigidez austera dos conceitos morais e à autoridade de um Deus todo poderoso.

As regras dos Evangelhos são capazes de emocionar os homens mais deserdados do mundo, os sensíveis, os fracos, os inferiores, sempre cheios de medo das forças hostis que os cercam e contra as quais se sentem impotentes. Jesus Cristo chamou a si as pessoas naturalmente boas, sugerindo-lhes uma atitude de resistência passiva perante os seus inimigos; o que, para os outros, seria considerado como atitudes de cobardia, era para os Cristãos escravos, gente humilde, pobres e impotentes, enfermos e débeis, a única maneira de satisfazer o seu «Eu», frustrado, incapaz de encontrar outras compensações. A partir do momento em que o sofrimento, a inferioridade, a humilhação e mesmo o martírio, tornam um «Ideal do Eu» personificado por um Deus feito homem e homem semelhante aos mais humildes e aos mais inofensivos entre os outros homens, a partir do dia em que se podia admitir que um Deus paternal ame, compreenda e perdoe, a Igreja pôde absorver a multidão de todos os insatisfeitos, de todos os cheios de medo, de todos os que sofriam a autoridade de um mundo de pessoas orgulhosos e dos militares que conquistavam as terras e os povos.

Enfim, nas circunstâncias mais dramáticas da vida, nos limites de desespero ou da morte, a Igreja oferece-lhes, mesmo ao maior pecador ou ao último dos criminosos condenados, a mais bela consolação que nenhuma religião anterior nunca deu ao ser humano, que foi a de poder assimilar Deus no seu próprio corpo, por meio da Comunhão, e de viver a mais profunda experiência psicológica que o «Eu» consciente pode conceber, por uma teofagia tornada perfeitamente humana, por meio dos alimentos mais familiares, o pão e o vinho.

Compreende-se que a acção, verdadeiramente psicológica da Santa Comunhão é capaz de aniquilar as paixões do corpo e de moderar os desejos erógenos até provocar, pelo menos em alguns psicossomáticos, a beatitude, na renúncia a toda a vida sexual e mesmo, em algumas mulheres, a compensação do mais imperioso dos instintos da espécie humana, que é o da maternidade.

ENFRAQUECIMENTO DO MUNDO MUÇULMANO PERANTE O MATERIALISMO EUROPEU

Os teólogos muçulmanos verificaram que a Arábia nunca foi considerada como local que alguém desejasse conquistar, porque a pobreza e a aridez da terra nunca criou a ideia dos árabes se fixarem ali definitivamente, até ao fim do século XIV.

Mas o contrário sucedeu a regiões do Império Árabe, de que a riqueza podia atrair as ambições estrangeiras. Os primeiros que as quiseram conquistar foram os turcos, islamitas. Estes penetraram pelo Indus até às Índias, cercaram o Mar Caspio e o Mar Vermelho, chegando a dominar

o Mediterrâneo até às margens do Atlântico e depois a Ásia Menor, onde os cristãos foram reduzidos à situação de minoria; os turcos absorveram os Balkans até à Áustria.

Sanguíneos, mais materialistas do que místicos, os sucessores dos Bisantinos, tomaram o gosto do luxo e das despesas ostentatórias; construíram palácios sumptuosos, mesquitas monumentais e passaram a usar vestidos com bordados, rendas e europeus, decorações douradas, abundância de pedras preciosas e tapetes ricos e espectáculos luxuosos; transformaram a mentalidade dos Árabes fanáticos, fazendo-lhes apreciar as frivolidades dispendiosas, os prazeres sensuais e o deboche.

O Baixo-Império e o Império Bisantino voltaram-se para a concepção grega da vida, mas agravando-a e fragmentando a sociedade em corporações fundadas sobre bases económicas, tendendo para se formarem verdadeiras castas hereditárias e instituindo ordens, igualmente hereditárias, fundadas sobre as classes em ligação com a importância política. Estes privilégios, implicaram a criação de um verdadeiro capitalismo e, como descreve Ibn Khaldoun, «considerações económicas, com influência sobretudo nos sistemas fiscais e monetários praticados nesta época, que agravaram o processo de dissolução».

O despertar europeu, com o «homo technicus», as primeiras concepções científicas racionais, o conhecimento concreto do universo e, sobretudo, a criação de exércitos organizados, a fabricação de canhões em uma escala industrial e, mais tarde, a construção de caravelas, em que tiveram papel primordial os portugueses, facilitaram o acesso dos europeus a todas as terras do mundo, até então desconhecidas. O luxo brilhante da Renascença ofuscou os encantos e as grandes manifestações espectaculares bisantinas e otomanas.

Como diz Ibn Khaldoun, «o espírito do corpo» consiste no devotamento dos membros de um grupo, de um por todos e todos por um, em uma estreita solidariedade, mesmo com abnegação, constituindo assim (como diz Augusto Comte) o seu *altruismo*.

Aristóteles já dizia que «o homem é um animal sociável» e Ibn Khaldoun completava a ideia, dizendo que «a vida social é um fenómeno natural, pois os homens não podem viver isolados. As condições de vida dependem sobretudo do meio natural, do clima, da protecção e dos fenómenos económicos; estas condições são mais importantes do que os *fenómenos políticos*, que são essencialmente episódicos» e concluiu também afirmando que «o homem é o único ser vivo, que tem necessidade de uma autoridade».

Se se operar um divórcio entre as qualidades da «autoridade» e o «Ideal do Eu» e se o «Eu» se encontra desadaptado do meio, o «Ideal do Nós» está destinado a desintegrar-se.

Como em um dado momento da vida do mundo, o Cristianismo e o Islamismo se defrontaram violentamente e qualquer das religiões tem uma

grande importância na formação das respectivas personalidades, julgamos útil continuar estas considerações com um estudo sobre a «Psicanálise do mundo muçulmano», baseada na sociologia de Ibn Khaldoun e no desenvolvimento do estudo sobre a psicopatologia do Islão; só assim compreenderemos perfeitamente algumas reacções que nós portugueses, católicos, temos ainda, baseados em sentimentos antigos que ficaram dos anos de ocupação moura do nosso país. Continuaremos este estudo no próximo número.

O TRATAMENTO DA HIPERTROFIA DA PRÓSTATA

DEFESA CONTRA O CANCRO

Na *primeira fase* da hipertrofia da próstata, é aconselhável o tratamento médico; quando se passa à *segunda fase*, que é a da «retenção urinária incompleta sem distensão da bexiga», pode ainda tentar-se o tratamento médico, mas quando se passa à *terceira fase*, que é a da «retenção da urina com distensão da bexiga», o tratamento cirúrgico impõe-se.

É no declínio da «idade madura» que aparece a *hipertrofia da próstata*; o seu volume pode ser influenciado por lesões inflamatórias (prostatite hipertrofiante) ou por lesões funcionais (atonía prostática).

O tratamento consiste em estabelecer regras de higiene e terapêutica medicamentosa.

As **regras de higiene** aconselháveis, são:

1.º — **Exercício físico moderado**, sobretudo a marcha, que se deve praticar, sem fadiga, ou depois das refeições, ou a seguir ao repouso depois das refeições, quando este é aconselhado, passeio que deve durar de 15 a 20 minutos, ao ar livre. É um dos melhores meios para combater a congestão da próstata (1).

O prostático deve mobilizar-se, saindo duas vezes, pelo menos, por dia; é aconselhável a marcha à noite, antes de se deitar, não somente pela sua influência salutar sobre a próstata, mas também porque dispõe a pessoa para um sono reparador.

Não é conveniente manter uma posição sentada muito prolongada e não são úteis as viagens prolongadas em automóvel ou caminho de ferro, a equitação e as marchas prolongadas em bicicleta, sobretudo as corridas, bem como as ocupações absorventes, que não permitem ao pros-

(1) Estas regras são aconselhadas, detalhadamente, em um artigo do Professor Weyenneth, director do Serviço de Urologia do Hospital Cantonal de Genève, publicado na revista «Medicine et Hygiene», de 29 de Março de 1967.

tático obedecer às solicitações frequentes da sua bexiga, a que se deve obedecer. Deve igualmente procurar evitar-se o frio nos pés.

Quando a profissão não permita estes exercícios é aconselhável fazer em casa exercícios de ginástica sueca, especialmente indicados aos prostáticos e que devem ser praticados da forma seguinte: — Estado o corpo deitado no chão, o doente deve fazer movimentos com as pernas em extensão, afastando-as e juntando-sa alternadamente; depois de algum tempo e sempre em decúbito dorsal, deve flectir as pernas, projectando as coxas sobre o ventre e a seguir estendê-las, alternadamente. — As massagens gerais, combinadas com os banhos são também úteis.

2.º — **Higiene da cama** — A posição muito prolongada na cama facilita a congestão da próstata; por isso, o prostático não deve permanecer na cama mais de 8 horas seguidas. De noite, se tiver de se levantar, para despejar a bexiga, deve ter junto de si um *robe de chambre* forte, para evitar as mudanças bruscas de temperatura, a que os prostáticos são muito sensíveis.

3.º — **Higiene do aparelho digestivo** — A alimentação deve ser normal, acompanhada por vinho cortado com água ou outra bebida não alcoólica, mas não excitante. Deve abster-se de pimenta, piri-piri, caril e picantes semelhantes, de que se pode usar como tempero, mas muito ligeiro, bem como de café forte, de cerveja, de vinhos muito graduados. São desaconselhadas ou proibidas, as refeições abundantes e muito prolongadas; e da noite deve ser muito ligeira, sobretudo de frutas e legumes.

Enfim, a *prisão de ventre* deve ser considerada como o «inimigo n.º 1» — Deve ser aconselhado o uso regular das culturas de bacilos lácticos.

As bebidas não devem ser usadas em grandes quantidades, pois as ingestões abundantes provocam às vezes congestões uro-genitais; não é raro aparecerem sinais de retenção aguda.

4.º — **Higiene do aparelho genital** — Não é necessário suprimir as funções genitais que, no entanto, não devem ser estimuladas. A continência sexual aumenta, às vezes, o estado congestivo.

A frequência das relações sexuais deve ser regulada pelo estado geral do indivíduo; o que se deve desaconselhar são as excitações sexuais prolongadas.

5.º — **Higiene das vias urinárias** — Nunca resistir à vontade de urinar. O prostático deve obedecer sempre às solicitações da bexiga, quer de dia ou de noite.

6.º — **Tratamento médico** — Têm sido aconselhados vários tratamentos, desde a cravagem de centeio, a «hamamelis virginica», etc. No entanto, depois da descoberta dos sais halogéneos do magnésio, estes substituíram totalmente, por serem mais eficazes, todos os tratamentos que ali então se aconselhavam. Por outro lado, como as prostatites, originam frequentemente o «adenoma da próstata e este degenera facilmente em tumor maligno, cuja única solução, quando ainda vai a tempo, é a

extracção da próstata, os sais halogéneos do magnésio, mostraram ser o elemento mais eficaz, não só para combater o adenoma, mas igualmente para fazer o tratamento preventivo contra o cancro.

ACÇÃO GERAL DOS SAIS HALOGÉNEOS DO MAGNÉSIO SOBRE O ORGANISMO

A série de estudos que se vêm fazendo com uma intensidade progressiva e com grande interesse para a Medicina há mais de 40 anos, tem demonstrado que o magnésio exerce uma acção preponderante sobre o equilíbrio das funções viscerais. Últimamente está-se renovando o interesse que esta acção tem sobre o organismo.

Por outro lado, a experiência clínica tem confirmado todas as descobertas feitas nos estudos experimentais.

A acção importante dos sais halogéneos do magnésio é a *regularização do metabolismo orgânico*, conseguindo assim manter o equilíbrio funcional dos vários órgãos do corpo humano, mantendo a integridade constitucional das células.

Está averiguado que, desde que se diminui a percentagem do magnésio no organismo, se estabelece um estado mórbido que se caracteriza por um abatimento geral, ao qual se seguem perturbações viscerais, de maior ou menor importância.

Pelo contrário, quando estes doentes começam a tomar os sais halogéneos de magnésio, principiam a sentir uma melhoria do seu estado geral, a qual é provocada pela regularização do metabolismo orgânico. Continuando com o tratamento e com a dieta adequada ao seu caso particular, conseguem combater essas perturbações viscerais em evolução, melhorando ou curando conforme o grau de degenerescência celular existente na ocasião em que iniciaram o tratamento. Constitui portanto um excelente meio de equilíbrio da saúde.

De resto, é esta a explicação da acção importante dos sais halogéneos do magnésio, sobre a profilaxia do cancro. Evitando as condições necessárias para o cancro se estabelecer, contrária o seu aparecimento.

Já em 1928, na sua comunicação à Academia de Medicina, afirmou Delbet:

Desde 1915 que estudo a acção biológica de magnésio. A observação e a experiência levaram-me a pensar que a humanidade teria grande vantagem em adicionar os sais halogéneos de magnésio à sua alimentação.

O uso regular dos sais halogéneos de magnésio é capaz de impedir a génese de muitos cancros e, por conseguinte, de diminuir o número de cancerosos.

Referia-se o Dr. Delbet à grande diminuição da percentagem de cancerosos, que se observaria se se difundisse o uso dos sais halogéneos de magnésio, principalmente depois dos 40 anos, período em que se começam a estabelecer as degenerescências viscerais e, portanto, em que é mais frequente o estabelecimento do cancro.

ACÇÃO SOBRE A PRÓSTATA

Os estudos que, sobre este assunto, foram apresentados à Academia de Medicina de Paris, foram feitos principalmente pelo Dr. Stora e pelo Professor Delbet.

O Dr. Stora, que fez a sua comunicação à Academia de Medicina de Paris, em 1930, demonstrou que os sais halogéneos do magnésio exercem uma acção importante sobre as funções da próstata, acção que o Dr. Stora classifica de surpreendente.

Os estudos foram feitos sobre muitos doentes, que Stora classificou em vários grupos.

O exame feito em um grupo de doentes com poliúria nocturna, com próstata volumosa e mole, mostrou melhoras extraordinárias e rápidas. Em poucos dias diminuíram as micções nocturnas, retomando depois a próstata o seu volume quase normal, tendo-se verificado uma acção descongestionante, feita durante um prazo de tempo muito curto e que persistiu durante muito tempo.

O exame feito em outro grupo de doentes, com poliúria nocturna, micções diurnas dolorosas e lentas e estado geral deprimido, demonstrou uma acção um pouco mais lenta, mas muito interessante também.

As micções nocturnas regularizam-se durante um período de tempo variável entre 15 dias e um mês. A próstata retomou a pouco e pouco, ainda que muito lentamente, o volume quase normal e o estado geral melhorou em todos eles.

As urinas que a princípio eram turvas, passaram a pouco e pouco a ser limpas.

Sob a acção dos sais halogéneos do magnésio, não só diminui o número de micções, mas também diminui ou desaparece a dificuldade de urinar.

Na maioria dos doentes, a melhoria das perturbações funcionais, vai-se dando paralelamente com a diminuição do volume da próstata, que chega a retomar a sua forma, consistência e dimensões normais.

Paralelamente, vai desaparecendo a intoxicação e melhorando o estado geral.

ACÇÃO PREVENTIVA

O adenoma da próstata é um tumor benigno, facilmente tratável pelos métodos usuais. Porém, se se não fizer o tratamento, dá-se a degenerescência dos respectivos tecidos.

Ao mesmo tempo que o adenoma vai progredindo, vão-se acentuando as perturbações da função urinária, com grave reflexo sobre o estado geral do doente.

É neste período que se apresentam os sintomas de intoxicação, com fadiga geral, inapetência e anemia. A seguir, dá-se frequentemente a transformação maligna do tumor da próstata.

A descrição que fizemos atrás, no capítulo sobre a acção geral dos sais halogéneos do magnésio e no capítulo em que tratámos da acção sobre a próstata, é suficiente para mostrar, não só a vantagem mas a necessidade de estabelecer o tratamento pelos sais halogéneos do magnésio, nestes doentes.

Com este tratamento não só se melhoram ou se fazem desaparecer as perturbações funcionais da próstata e bexiga, mas ainda conseguimos melhorar o estado geral do doente, restituindo-lhe a saúde perdida.

Localmente consegue-se a melhoria ou o desaparecimento do seu adenoma, poupando o doente a uma operação mas, muito principalmente, o benefício importante que se consegue consiste em evitarmos a degenerescência dos tecidos da próstata, que muitas vezes conduz ao cancro.

Na sua comunicação à Academia de Medicina de Paris, o Professor Delbet, faz as seguintes afirmações sobre a profilaxia do cancro:

«A questão social do cancro, consiste mais em o evitar, do que o curar. Se o emprego dos sais halogéneos de magnésio se generalizasse, o número de cancerosos diminuiria.

As pessoas que ainda não tenham o princípio do cancro, julgo que ficarão indemnes, se tomarem magnésio. O que posso garantir é que se não houver indemnidade completa, esta será em muito maior número para as pessoas que tomarem o magnésio.

Eu medi, Senhores, a gravidade desta afirmação; durante anos guardei silêncio, mas a minha convicção data de há muito.

Progressivamente, a observação e a experiência levaram a a minha convicção para a certeza e calculei que não tinha o direito de calar um método seguramente desprovido de todos os inconvenientes e que se me não engano, pode prestar enormes serviços».

As experiências feitas em cobaias, são as que nos parecem mais demonstrativas, pois provam o efeito preventivo dos sais halogéneos de magnésio.

Introduziram-se nas vesículas biliares de várias cobaias, grãos grossos de areia. Algumas ficaram imediatamente em tratamento pelo magnésio, enquanto que outras ficaram sem medicação alguma.

Passado algum tempo foram todas sacrificadas e verificou-se que a maior parte das que tinham sofrido o efeito traumatizante das areias,

tenham degenerescências cancerosas enquanto que as *cobaias-testemunhas*, que tinham igualmente sofrido o mesmo efeito tranmatizante, mas que tinham tomado diàriamente os sais halogéneos do magnésio, não tinham qualquer alteração. Ficou assim provado o efeito benéfico destes sais, não só na degenerescência da próstata, como em todos os doentes cujos cálculos ou areias provocam inflamações repetidas nos trajectos, como os doentes calculosos da vesícula ou do rim.

ACÇÕES PARTICULARES SOBRE ALGUNS ÓRGÃOS

A experiência que acabamos de descrever, explica a acção preventiva dos sais de magnésio sobre o fígado e vesícula das cobaias.

No homem as coisas passam-se por uma forma análoga.

A existência de cálculos na vesícula ou a presença de elementos de irritação em qualquer parte do organismo, pode determinar a alteração dos tecidos.

Se estas pessoas fizerem o uso regular do Magsan, conseguirão assim impedir e degenerescência dos tecidos, que determina o cancro.

Os estudos dos Dr. Dubber e Voisinet verificaram que o excesso de trabalho intelectual, além de exagerar as perdas de ácido fosfórico, exagerava igualmente as perdas em magnésio.

O professor Delbet conclui: O sistema nervoso é um grande consumidor de magnésio, acrescentando:

«Estes factos levam-me a pensar que muitas perturbações nervosas são devidas à privação do magnésio. A sensação de fadiga, de astenia, que se segue a certas doenças infecciosas ou a um período de excesso de trabalho, ou ainda que se manifesta algumas vezes sem causa aparente, desaparece ou melhora sob a influência dos sais halogéneos de magnésio.

Estes sais dão ao mesmo tempo a calma e a energia, com uma sensação de bem-estar e de optimismo. Tornam o organismo apto para efectuar um maior esforço, com menos fadiga».

OS SAIS HALOGÉNEOS DO MAGNÉSIO TÊM TAMBÉM ACÇÃO SOBRE A VELHICE?

O Dr. Weiske constattou que os ossos dos velhos encerram menos magnésio do que os dos novos, e isso fez pensar ao Professor Delbet que a diminuição do magnésio no organismo é talvez um dos factores de envelhecimento.

Efectivamente, constatou a influência do magnésio nos velhos a quem notava o ar de fadiga depois de uma marcha e a falta de rigidez muscular própria da mocidade.

«Eu vi pessoas assim assinaladas pela idade, retomar o andar ágil da mocidade, sob a influência do magnésio. Vi igualmente desaparecer, em pessoas idosas, o tremor das mãos».

A acção já demonstrada, dos sais halogéneos do magnésio sobre as perturbações tróficas, explica a acção que se lhes tem querido atribuir, sobre a restituição do pigmento natural, aos cabelos brancos.

O MAGSAN

Em virtude dos estudos citados, o Laboratório Sanitas deliberou preparar os sais halogéneos de magnésio, que apresenta com o nome de «Magsan».

«Magsan» é um produto de sais halogéneos de magnésio associados, destinado a excitar a actividade das células do organismo.

Depois dos quarenta anos, principalmente depois dos quarenta e cinco, estão diminuídas as condições de resistência normais contra todas as infecções e, igualmente, contra o cancro, razão porque deve ser aconselhado o uso do «Magsan», depois daquela idade, como uma defesa permanente.

As pessoas que tomam regularmente o «Magsan», praticam um bom regime estimulante do organismo, aumentam a sua resistência à fadiga e têm maior facilidade no trabalho intelectual, em virtude de produzir aumento da actividade cerebral.

Por outro lado, sendo um preventivo contra o cancro, combate a velhice precoce, porque conserva o funcionamento normal dos órgãos.

Em resumo, o uso do «Magsan» conduz aos seguintes resultados:

- 1.º — Acção favorável sobre o metabolismo geral;
- 2.º — Tratamento do adenoma da próstata e das perturbações urinárias que este provoca;
- 3.º — Regulariza as funções intestinais;
- 4.º — É um tratamento preventivo contra os estados que podem dar origem ao cancro.

Modo de usar — A dose que se costuma empregar para produzir uma acção estimulante e conservadora do organismo, regulando o seu metabolismo, é de 2 a 4 comprimidos por dia, que podem ser tomados em jejum e às refeições.

Os comprimidos devem deixar-se desagregar em água simples ou açucarada, que se deve agitar antes de se tomar; ou então, tomam-se absorvendo imediatamente a seguir, um a dois decilitros de água.

O magnésio exerce uma acção estimulante sobre o intestino e, poderia ser tomado em doses bastante elevadas, se os intestinos o tolerassem bem.

O «Magsan» exerce uma excitação dos movimentos peristálticos do intestino, chegando mesmo a provocar uma aceleração exagerada da marcha das fezes. Estas apresentam-se por vezes mal moldadas ou mesmo diarreicas, o que indica que já existe intolerância.

A dose deve pois começar por ser pequena, 2 comprimidos por dia, um a cada refeição, experimentando-se a pouco e pouco a tolerância dos

intestinos do doente. O limite de tolerância é marcado pelas fezes, que se podem apresentar mal moldadas, ou ligeiramente moldadas. Se passarem ao estado diarreico ou semi-diarreico, devemos diminuir a dose.

Se o doente tolerar bem o «Magsan», ou se for um preso de ventre, podemos aumentar a dose até 4 ou 6 comprimidos por dia, 2 a 2.

O período de tratamento deve ser muito prolongado, pois que a regularização do equilíbrio de um metabolismo, há muito tempo desorganizado, leva também muito tempo a fazer.

Os resultados começam a sentir-se dentro de um período muito curto. Manifestam-se por uma sensação de melhoria geral, de euforia, que demonstra o estabelecimento de um estado de melhor equilíbrio das funções orgânicas e de diminuição da sensação de peso na próstata, quando existir.

Quando, depois de um período de tratamento, começam a aparecer fenómenos de intolerância, da parte dos intestinos, deve suspender-se a medicação por um período de 5 a 8 dias, para depois se retomar, começando por um comprimido em jejum ou no princípio de uma refeição e aumentando depois a dose.

Pode parar-se com o medicamento durante uma semana, depois de cada três semanas de tratamento.

Tratamento hormonal

O tratamento hormonal foi muito usado e ainda hoje é empregado em casos graves, sobretudo quando existirem contra-indicações operatórias.

Contra-indicações operatórias — São as seguintes:

- a) *Idade* — A idade avançada, depois dos 80 anos, não é uma contra-indicação absoluta a não ser que o estado do doente não seja satisfatório.
- b) Um *estado geral* medíocre.
- c) *Doenças graves do sistema cardio-vascular* ou *pulmonar* (enfisema grave).
- d) O *estado dos rins* é muito importante, para aconselhar ou não, a operação.

Não tem quaisquer outras contra-indicações ou incompatibilidades.

CURIOSIDADES

Aforismos de um médico

- *Inveja* — Culto que prestam os que não têm valor aos que o têm.
- A *abelha* é como algumas mulheres; numa ponta dá-nos o mel e na outra o veneno.
- O *pudor feminino* é um sentimento respeitável que só se revela quando há luz; no escuro, logo adormece.
- O *cavalo emagrece* quando está longe dos olhos do dono e algumas mulheres engordam quando o marido está longe.

Prof. Ulisses Lemos Torres, de S. Paulo

SOCIOLOGIA E PSICOSOMÁTICA

A criação da Autopsicanálise —
Os precursores da Psicossomática

O Professor G. Dingemans, a cujos interessantes estudos nos temos já referido nesta revista, acaba de publicar na revista «*Medicine et Hygiene*», de Lausanne, mais um artigo sobre sociologia e psicossomática, de que damos a seguir um resumo:

Sócrates foi o criador da «Análise introspectiva do Eu», despojado do empirismo das tradições religiosas e tendente a uma *moral racional*; a sua filosofia era baseada sobre uma confiança optimista nas capacidades da bondade da inteligência humana.

Propunha um método de reflexão que permitia tornar conscientes as verdades que cada um traz no seu espírito, sem muitas vezes ter a consciência delas.

Sócrates foi o primeiro que quis iniciar os seus contemporâneos, a praticarem uma verdadeira «autopsicanálise», mas por um método ao contrário da «psicanálise moderna», destinado a descobrir as virtudes inatas no homem que, segundo a sua opinião, *ninguém é mau voluntariamente*.

As ideias socráticas devem o seu sucesso à acção extraordinária dos «Sofistas» que, desde o final do século V antes de Cristo, percorreram o mundo grego, ensinando a filosofia e aperfeiçoando a retórica, suscitando a discussão e a controvérsia públicas.

São muitos os exemplos, sobre temas morais e políticos, em que demonstraram a superioridade da vida social; foram os primeiros a tratar estes problemas, em que lançaram as bases de uma ciência social racional. — Repelindo o arbitrário da vontade dos homens, condenando os aspectos nocivos da tradição, conceberam e propagaram a perfeição do *direito natural* baseado sobre a natureza humana, que pode revelar o estudo objectivo das sociedades e do seu comportamento.

Platão, na sua «*República*» expõe um verdadeiro sistema da «filosofia social», fundada sobre a análise das tendências activas da alma humana. Desenvolveu a noção dos «equilíbrios sociais» e estudou as causas da sua ruptura, criando uma verdadeira «dinâmica social», tendo em conta as perturbações cíclicas das colectividades.

Estudaremos alguns aspectos primordiais da sociologia de Platão, bem como a de Aristóteles, na sua concepção do homem como um «animal político» e ficaremos admirados como antes de Jesus Cristo já a filosofia e a sociologia estavam tão adiantadas e baseadas sobre o respeito pela alma do homem!

O primeiro trabalho publicado sobre a «filosofia da história» foi por Tucídides, no século V antes de Cristo. Nele soube investigar quais as formas elementares das instituições, através das sociedades primitivas que ainda existiam no próprio seio do mundo helénico.

A contribuição do génio grego foi tão importante que, apesar da decadência, apesar da prioridade dada por Roma ao estudo do *direito sistemático* sobre todas as outras ciências do espírito e não obstante a ausência de qualquer novo trabalho sociológico importante até Santo Agostinho, o pensamento grego atravessou, sem alteração, sete séculos de revoluções históricas. As duas correntes, que mais tarde seguiram todos os que estudaram os fenómenos sociais e psicológicos, foram o *idealismo* de Platão e o *positivismo* de Aristóteles.

Vamos estudar a seguir as duas primeiras concepções psicológicas dos ilustres precursores da «Psicosmática».

O «complexo humano» socializado

Quando se estuda a estrutura do Império, verdadeiramente socialista, dos Incas e o grau de complicação e de grande aperfeiçoamento a que chegou esta sociedade de cerca de 12 milhões de «proto-mongóis sul-americanos», pode fazer-se uma ideia da força civilizadora do fenómeno «ideologia».

Uma *ideologia* não pode ser uma criação inconsciente, baseada somente no «instinto de simpatia»; ela é geralmente a criação consciente de um único «Mestre» que soube sintetisar as necessidades, muitas vezes inconvenientes, de uma colectividade. O «Mestre» estudou e assimilou estas necessidades, que propagou no meio da sua sociedade.

O «ideologista» actuou como se fosse um aparelho de conversão; como os conversores electrónicos, recebe as informações dispersas do meio que observa e escuta, que ficariam isoladas, descordenadas, incomparadas para todas as pessoas que, individualmente, foram a sua origem. O *ideologista* traduz estas informações em uma linguagem sugestiva, reassimilável por todos.

Esta síntese pode fazer nascer novas reacções independentes, que serão de novo retraduzidas pelo mesmo ou por outro ideologista; nasce assim uma segunda vaga, que dará origem a uma *consciência colectiva*.

Esta pode eliminar, algumas vezes mesmo brutalmente, os ideologistas ou a sua obra, que não chegaram a atingir as suas necessidades actuais ou que, pelo contrário, as ultrapassaram, com grande avanço sobre o tempo, naquele momento. Existe certamente um processo de auto-regulação psicossocial.

Foi assim que grande número de «iniciados» ou «precursores», foram expulsos do seu meio, antes de serem adoptados por outras comunidades estrangeiras, contemporâneas ou futuras (como sucedeu com Buda,

Sócrates, Jesus Cristo e muitos pensadores, artistas, escritores, políticos e cientistas de todos os tempos).

Seja qual for a escola e o seu sucesso, através dos séculos, pode observar-se que os filósofos que sobreviveram ao «controle» intransigente das consciências colectivas críticas, foram só os que compreenderam a estrutura indissociável das partes psíquicas e físicas do homem, por um lado e, por outro, a integração deste complexo «*alma-corpo*», ou «*psicosomático*» no «ser colectivo».

Todas as filosofias que não aceitavam senão a predominância ou mesmo a exclusividade daquelas duas componentes da «personalidade», em detrimento das outras, estavam votadas a serem vencidas, ou a criarem comunidades contrárias à humanidade, somente assimiláveis por seitas ou ordens religiosas ou políticas, verdadeiramente exclusivas. Vamos referir, a seguir, alguns exemplos.

Realizações e ensinamentos psicosomáticos das civilizações antigas

Temos sempre que aprender, para nos orientarmos sobre a apreciação do momento actual e projectarmos o movimento do futuro, quando estudamos a história, em qualquer dos seus sectores.

O *Budismo* desenvolveu-se, partindo da ideia de que o «Eu» com as suas propriedades empíricas, as suas dores morais, alegrias e paixões, não são mais do que produtos sociais e só existem enquanto existir a vida social. Dizem: — «Destruí o contacto inter-humano isto é, a vida social, e a sensação desaparecerá». Morrerão o saber e a ignorância. Desaparecerão os elementos da vida individual».

Este princípio de renúncia de si próprio, esta eliminação total, será pressentida, paradoxalmente, como o ideal do «budista».

O «budismo integral» realiza o valor espiritual que o eremita meditativo pode atingir, bem como a prática do «yoga», que é um exercício de concentração introspectiva, que isola o espírito dos contactos com o mundo exterior e que representa o ideal do «Super-Eu» do místico do Médio Oriente, ideal que leva finalmente a uma espécie de «apatia sagrada».

Mas a «filosofia indú» soube integrar a personalidade do indivíduo ao «Nós» socializante. O seu *Eu* não se separa da sociedade. O *Eu* isolado, não atinge, nas práticas ascéticas, a contemplação e o êxtase, que os verdadeiros *yogui* desejam atingir, o «*nirvana*», isto é, a beatitude que junta a inconsciência ao aniquilamento psíquico.

Esta dissociação da angústia foi tipicamente estudada pelo *Dr. P. Janet*, na Salpêtrière, na sua doente célebre «*Madeleine*». *Janet* demonstrou em uma tese, que o desejo de separar o espírito do corpo é anormal e patológico». Jesus Cristo, pelo contrário, defendeu a doutrina de que a alma humana é tão indisolúvel do corpo, que até depois da morte o

corpo deve ser reconstituído por uma ressurreição, isto é, uma materialização do espírito, no seio de um Universo hiperdimensional, certamente, mas concreto.

O asceta, mesmo cristão, que rejeita totalmente o corpo, sem o querer ligar com a alma, tem certamente a aspiração de um outro mundo, em que exista uma espiritualidade absoluta, mas não faz parte deste mundo. Mais realisticamente ainda, ele está contra o mundo; despreza-o e condena-o. Em vez de se tornar em uma alma ausente, como um adepto do yoga, torna a sua alma anti-social. Ora os continuadores do pensamento de Jesus Cristo, os evangelistas, os maiores santos e os doutores da Igreja, como Santo Agostinho e São Tomaz de Aquino são, pelo contrário, seres sintónicos, tradutores essencialmente das necessidades da alma colectiva dos seus respectivos meios humanos e dos prolongadores das doutrinas de Platão.

Estudaremos num próximo artigo, as principais sínteses sociológicas, sob o ângulo da psicossomática, que é o que nos interessa particularmente.

A longa série de artigos que temos publicado sobre o papel da religião e da política sobre a formação da personalidade, tem procurado demonstrar não só a acção importante que a religião e a política têm tido, na formação da psicologia do homem actual, sejam quais tivessem sido as suas origens religiosas ou políticas e a interligação da alma e do corpo no conjunto indissociável que representa o homem actual. Verificamos por este estudo do Professor Dingemans que já cinco séculos antes de Jesus Cristo, estes estudos tinham tomado um grande desenvolvimento, mostrando como se procurava esclarecer o espírito do homem e quais eram as necessidades de civilização que sempre o acompanharam para que o progresso continuasse e continui.

HEPATITES E ICTERÍCIAS INFECIOSAS

Há várias icterícias provocadas por infecções e que geralmente se manifestam conjuntamente com perturbações do rim.

A febre tifóide é uma das infecções que ataca frequentemente o fígado, com as quais aparece geralmente um aumento da ureia nas urinas, bem como outros sintomas de insuficiência renal. Há porém outras icterícias que se manifestam da mesma forma com insuficiência renal, em outras doenças infecciosas, como a colibacilose e as paratífoides, a pneumonia e a blenorragia.

No seu conjunto as hepatites que aparecem no decurso das doenças infecciosas, podem ter diferentes manifestações externas e internas; há

casos em que aparecem apenas edemas, mas há outros casos em que podem aparecer hepatites supuradas.

Mas o que tem certa importância é que muitas das hepatites que provocaram já alterações anatomo-patológicas do fígado, são formas larvadas, em que só se poderá notar um pequeno aumento de volume do fígado, com dor à palpação no baixo ventre direito e com urobilinúria; são sintomas de inflamação serosa, sem necrose.

Em outros casos as manifestações podem ser mais evidentes; aparece uma icterícia, mas sem fenómenos de insuficiência funcional ou então muito ligeiros. Outras vezes ainda, pode ser mais grave, com icterícia, sintomas de insuficiência hepática, com degeneração do tecido hepático e sinais de necrose, mais ou menos profundos.

Outro aspecto é o caso em que o fígado aumenta francamente de volume, se mostra doloroso, com irradiações da dor para trás e para o ombro. Isto mostra que pode haver uma hepatite supurada, que pode ser difusa ou tomar a forma de um abscesso. Isto sucede nas infecções originadas por supurações abdominais ou pélvicas, às vezes apendicites com fleimão.

O paludismo provoca às vezes uma pequena icterícia, sobretudo nas formas violentas; há formas graves que se acompanham de hemoglobinúria. Em geral, apesar de o ataque apresentar um aspecto grave, um tratamento adequado conduz à cura dos sintomas, mas é preciso fazer o tratamento do paludismo e das suas complicações (anemia, fraqueza geral, etc.).

A Febre de Malta produz às vezes complicações no fígado e no baço, com uma certa fragilidade dos vasos e tendência hemorrágica; alguns destes doentes, sobretudo na fase aguda, mostram-se subictéricos ou ictéricos. Nalguns dos doentes com Febre de Malta, aparece aumento de volume do baço e também do fígado; geralmente há dor à palpação e o fígado aparece proeminente e de consistência dura.

Alguns doentes, melhoram, mas a doença passa a um estado que se mantém de forma a parecer crónico; nestes casos há degenerescência da célula hepática, que é necessário tratar.

Em todos estes casos, como já dissemos, para protecção do fígado, está indicado o tratamento pelos lipotrópicos.

CURIOSIDADES

● **Onde estão os fiscais da velocidade?** Onde estão as multas por ultrapassagem? Onde as autuações por manobras perigosas? Onde as sanções para os táxis que metem passageiros no meio da rua e por simples comodismo não encostam os carros para os fazer entrar? Como pode um polícia sinaleiro ser comandante de tráfico, fiscal do mesmo, autuar, recolher cartas, entregar convocações, tudo ao mesmo tempo e com o trânsito parado? Onde estão os nomes, «não os títulos», dos responsáveis por estas anomalias, por estas faltas de atenção e por estes descuidos profissionais? Os nomes? Só nos recibos de ordenado aparecem...



Um novo antibiótico

de acção mais intensa

à disposição dos Srs. Médicos:

a *Eritina* — *Sanitas*

Na vanguarda de um antibiótico de vanguarda, por meio da descoberta de um novo sal — o Propionato de Eritromicina

que em doses iguais,

produz níveis sanguíneos mais rapidamente e mais persistentes de onde resulta uma

actividade bactericida muito mais acentuada

Da comparação entre a Eritromicina e os seus sais correntes, resultam as seguintes conclusões:

1 — A Eritromicina-Base é parcialmente destruída pelo suco gástrico, destruição que é tanto mais elevada, quanto maior for o grau de acidez.

2 — Estearato de eritromicina — é tão sensível, ou mais do que a «Base» à acção do suco gástrico e os níveis sanguíneos que atinge são idênticos ou menores.

3 — O Laurilsulfato (estolato) é mais resistente ao suco gástrico, produz níveis sanguíneos mais elevados, mas a sua toxicidade é também elevada, manifestando-se por alguns casos de disfunção hepática e icterícia.

4 — O Propionato (Eritina) é mais estável no suco gástrico do que a base; atinge níveis sanguíneos mais elevados e persistentes do que os outros sais, excepto o «estolato» mas é, de todos eles, o mais inofensivo, sob todos os aspectos.

UM TRANQUILIZANTE PARA CADA CASO

Tranquilizante geral

Probamato

Menopausa
Excitações nervosas
da mulher, devidas
a insuficiências
ováricas

Insuficiências cardíacas
Taquicardia
Taquiarritmia
Cardioesclorose
e em geral:
Excitações nervosas
dos cardíacos

Probonar

Pendulon

***O Probamato e as suas associações,
constituem o melhor tratamento con-
tra os diversos estados de ansieda-
de, nervosismo e excitação***